

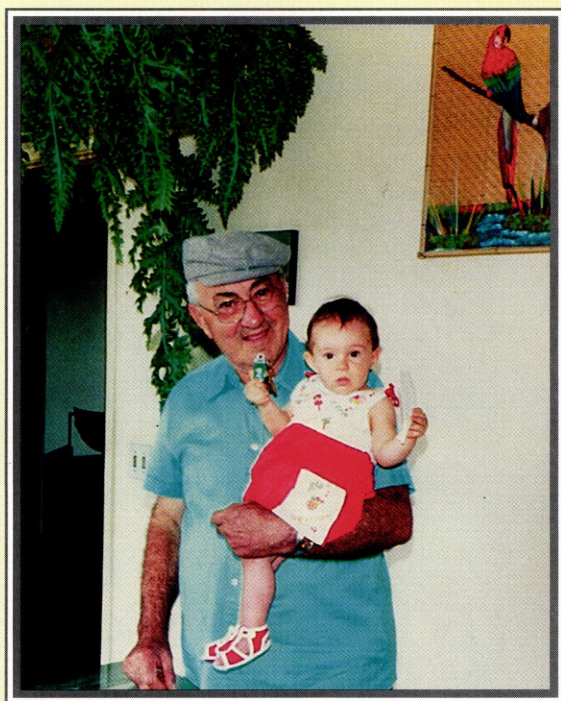
Don Techera

INSPETORIA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA

INSTITUTO TEOLÓGICO PIO XI

ALTO DA LAPA - SÃO PAULO - BRASIL

77B038



Sc. JOSÉ FERREIRA LUZ

Salesiano de Dom Bosco

*** 30/08/1911**

† 29/03/1996

SC. JOSÉ FERREIRA LUZ

Obrigado, Senhor,
pelo dom da vida de
nosso irmão salesiano
Sr. José Ferreira Luz. A
mais rica das heranças
que ele nos deixou foi
seu testemunho de fé,
esperança e amor, vi-
vidos durante mais de
sessenta anos em fa-
mília: trinta anos em
vida matrimonial e o
restante dos anos entre
os salesianos, vinte dos
quais consagrados como
Irmão Religioso, Sale-
siano Coadjutor.

Obrigado, Senhor!

Últimos momentos

Aos 84 anos de vida, o senhor José encerrou sua caminhada na terra no dia 29 de março, sexta-feira, às 4h20, na UTI do hospital Dom Silvério Gomes Pimenta — São Camilo, no bairro de Santana, São Paulo. Três meses de internação e cinco dias de coma precederam a sua morte. A causa da morte foi múltipla pelas complicações em vários órgãos vitais: coração, pulmão, rins, etc., todos agravados por uma diabetes muito aguda. Outros hospitais também o receberam para as internações anteriores: o hospital São José, no bairro do Brás, e o hospital Santa Isabel — Santa Casa, no bairro Santa Cecília.

Durante esse Calvário, sua família e as comunidades salesianas da Casa Inspetorial e do Pio XI se uniram para assistir-lhe em suas necessidades. As Constituições Salesianas afirmam no artigo 54: *“A comunidade ampara com mais intensa caridade e oração o irmão gravemente enfermo. Quando chega a hora de dar à sua vida consagrada o remate supremo, os irmãos o ajudam a participar com plenitude da Páscoa de Cristo”*. Ao ajudá-lo, todos nós fomos ajudados.

Os seus últimos momentos foram muito edificantes e coerentes com toda a sua vida. Uma frase, por ele tão repetida, expressa muito bem tudo isso: *“Eu pedi a Nosso Senhor para que o meu purgatório fosse aqui na terra mesmo”*. Seu ardente desejo de celebrar a Páscoa com Cristo tornou-se realidade. As lutas e conquistas de sua

vida, unidas às dores e desconfortos finais da doença evidenciaram sua determinação em buscar a vontade de Deus, mesmo às custas de muitos sacrifícios e contrariedades. Como São Paulo, ele pôde dizer: *“Terminei a carreira, combati o bom combate, guardei a Fé”* (2Tim 4,7). E a Palavra do Senhor o confirma: *“Servo bom e fiel, entra na alegria do teu Senhor!”* (Mt 25,23).

A comunidade do Instituto Teológico Pio XI agradece a todos os irmãos, familiares e amigos que se fizeram presentes em sua doença e em suas celebrações de despedida, manifestando amizade, fraternidade e autêntico espírito cristão. Que Deus lhes pague com muitas bênçãos!

Origens

O sr. José nasceu no dia 30 de agosto de 1911, às 10h00, em Pacoti, a 48 km de Fortaleza, no Ceará. Ele mesmo descreve: *“Papai foi buscar a parteira e quando ela chegou eu já tinha nascido. Foi vovó que cuidou de tudo”*.

Seus pais foram o senhor Raimundo Ferreira de Carvalho e dona Maria Joaquina Ferreira Luz. É o primeiro de dez filhos, quatro dos quais já faleceram. Em ordem cronológica os dez irmãos são os seguintes: José, Maria, Isaura, José (†), Luiz (†), Edite, Luiza, Francisco, Paulo (†), Vicente de Paulo (†).

José entrou cedo na escola, aos 5 anos de idade. Depois de um ano, mudou-se para a fazenda, onde, em

casa mesmo, contava com a ajuda de uma professora que seu pai arrumou. Assim, foi possível continuar a aprendizagem da leitura e da escrita.

Ainda criança pensa em se tornar padre. Seu pai manifesta-lhe a intenção de colocá-lo nos franciscanos de Canindé, mas não foi possível...

A alegria e o entusiasmo eram constantes quando falava das suas origens. Percebia-se gratidão e reconhecimento pela formação recebida desde o berço, pelo carinho e afeto ali vividos.

Aspirações de jovem

Aos 15 anos faz sua primeira experiência de namoro e até chega ao noivado, pensando em casar-se. Seu pai, porém, se opõe e lhe diz que é ainda muito criança. Termina, assim, o noivado prematuro.

Quando vê dois amigos ingressarem no Carmelo, desponta-lhe novamente o desejo do seminário. O Carmelo o atrai. Porém, como já estava envolvido no comércio, é obrigado a desistir.

Em seu trabalho no comércio é bem-sucedido e, dessa maneira, consegue dar uma boa ajuda para o seu pai. Nesse serviço desvela-se em cuidados pelos fregueses. Alguma vez, por ocasião de temporais, chegou até a hospedar pessoas idosas em suas instalações.

Enquanto se envolve no comércio, não esquece seus compromissos religiosos e dedica-se também à catequese de crianças.

O seu gosto pela leitura, nesta época, foi muito cultivado por meio de livros que procura emprestar, livros da vida dos santos: São Luís, São Francisco de Assis, Santo Agostinho, Santa Luzia, Santa Cecília, Santo Afonso e outros. Tais leituras influenciam-no realmente e alimentam o propósito de consagrar-se a Deus. É nessa ocasião propícia que, finalmente, entra para os carmelitas.

Permanecendo dois anos entre os carmelitas, consegue viver aquela vida de santidade a que tanto aspirava. Quantas graças recebidas o senhor José atribui a Nossa Senhora do Carmo! Quantas vezes entretém-se em solilóquios diurnos e noturnos com Cristo, na capela!

Seu pai, porém, adoece e, com isso, o Pe. Bezerra, pároco de Pacoti, o aconselha a deixar o Carmelo, a fim de dedicar-se mais à família. Este conselho é logo aceito. Quanto a seu pai, diz o médico, a única saída possível seria uma operação que, entretanto, comportaria grandes riscos de vida... A situação é apresentada para o seu pai, o qual decide peremptoriamente não se submeter à cirurgia. Desta maneira, o senhor Raimundo vive mais nove anos, sempre sob os cuidados de seu filho José.

Durante esses anos, José chega a noivar mais quatro vezes. E, a cada vez, ele rompe com o noivado sem outro motivo, a não ser o de se tornar carmelita.

Esposo e pai

Por ocasião da morte de seu pai, em 1940, José estava noivo de Neuza Moreira, já pela segunda vez. Com ela casou-se em 1943. Após o casamento, os cuidados do resto de sua família continuam. O trabalho no bar-mercearia os sustenta. Seu irmão Luiz agora trabalha em sociedade com ele.

O senhor José falava de sua esposa e dizia que ambos se queriam e se entendiam muito bem. Eles costumavam se chamar de “meu filho”, “minha filha”. Muitas vezes entretinham-se em declarações de fidelidade e de amor. Três foram os filhos, frutos dessa união: Neuza Maria, falecida, Nonato e Sônia Maria. O amor de esposa e de mãe que Neuza dispensou a ele e aos filhos foi sempre muito grande.

Em 1951, migra para São Paulo com sua família. Neuza, sua esposa, sente suas crises de fígado se acentuarem demasiadamente; submete-se a tratamentos intensivos, mas não é bem-sucedida. Infelizmente, vem a falecer no hospital, após fortes dores de cabeça. É fevereiro de 1952. Encerram-se, assim, nove anos de vida matrimonial.

O entranhado amor vivenciado por ambos continua, em seguida, através de lembranças constantes e, até mesmo, de sonhos, que o senhor José insiste em narrar. Um destes sonhos maravilhosos aconteceu logo após a morte da esposa. Ele mesmo nos conta: *“Sonhei que Neuza apareceu para mim, aproximou-se, beijou-me*

na testa e disse: 'Meu filho, não se preocupe mais comigo, eu estou muito bem'. Depois, ela saiu andando e eu saí correndo atrás dela. Ao abrir a porta da rua, eu a vi voando com dois anjos, o dela e o meu".

Com a morte de sua amada esposa, volta-lhe o desejo de ser carmelita. Chegou até a escrever uma carta a fim de ser readmitido no Convento. Ao relê-la, porém, lembra-se do pedido do Pe. Bezerra e da sua condição de pai de família. A partir de então, assume com empenho total a educação dos filhos até encaminhá-los para a vida. Trabalha de empregado em São Paulo, dá estudo para ambos, educa-os com zelo. O Nonato se forma engenheiro. A Sônia orienta-se para o comércio. Ambos lutam e vencem, na família e no trabalho, dando ao senhor José os netos, que lhe deram muita alegria e conforto. São estes: Marcus Vinicius, Carlo Alexandre, Carlos Vinicius, Nathalia e Tatiana.

A vida que leva em seu lar não o faz perder de vista seu grande sonho de dedicar-se a Deus. De fato, enquanto trabalha e educa seus filhos, o senhor José procura sempre *"fazer de sua casa um convento e do mundo uma ermida"*. São palavras suas.

Além de já ter podido alimentar esses anseios na família, como pai, os acontecimentos lhe permitem lançar-se ainda mais adiante em sua vida cristã...

Desde 1973, o senhor José freqüentava a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora e o Instituto Dom Bosco do Bom Retiro, São Paulo. Neste contexto ele já contempla os seus filhos formados e suas famílias constituídas. Foram trinta e um anos de luta na educação de seus filhos, vinte e dois dos quais sem a companhia de sua falecida

esposa. Neste momento acontece, de modo imprevisível e surpreendente, o que sempre desejou, mas que já parecia estar muito distante, ou até mesmo, impossível.

Salesiano: vocação e missão

O Pe. Mário Quilici, então diretor do Instituto Dom Bosco e atual vice-inspetor, conhecendo-o e vendo-o tão assíduo e fervoroso na participação   Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, conversa com ele e o convida para ingressar na vida religiosa salesiana. Assim, disponível e esclarecido em suas d vidas, aceita fazer a experiência. Chamado para exercer a função de sacristão no santuário, começa, logo, sua preparação para entrar na vida salesiana.

Em 1976, faz o noviciado em Pindamonhangaba, como aspirante a Irmão, isto é, Salesiano Coadjutor. Seu Mestre foi o Pe. José Orlando Amaral, o Pe. Zezinho, falecido em 1977, e seu assistente foi o jovem Antonio Carlos Galhardo. A , como homem religioso que é, se distingue pela piedade e entusiasmo em viver intensamente a vida salesiana. Participa de tudo com zelo e alegria e dá testemunho de alguém totalmente consagrado a Deus. Sua profissão religiosa aconteceu no dia 31 de janeiro de 1977.

“Como Salesiano de Dom Bosco, lembra o Pe. Altieri, seu ex-diretor e nosso atual inspetor, o irmão José se entregou   missão de Dom Bosco como operário

da última hora e ainda teve a graça de participar por vinte anos dessa grande aventura.”

Como sua primeira obediência religiosa, no ano de 1977, o irmão José foi chamado a fazer parte da comunidade salesiana do Guarujá, na Paróquia Santo Amaro e Nossa Senhora de Fátima. Aí exerceu as funções de sacristão e, além disso, fundou e dirigiu o Oratório local. Dedicou-se com entusiasmo, também, à catequese de Batismo e de Primeira Eucaristia.

Em 1978 é transferido para o Instituto Dom Bosco, no Bom Retiro, onde tinha visto sua vocação salesiana nascer e desabrochar. Permanece nessa casa cinco anos, até 1982, prestando serviços como sacristão e acompanhando a catequese. Ao ver a realidade dos imigrantes nordestinos do bairro, preocupa-se com eles. Seu zelo leva-o a atender com carinho e solicitude cada um daqueles pobres que a ele se apresentam em busca de orientação, comida, roupa e outras atenções.

Na Lapa

Em 1983, vem para a Lapa como sacristão da Paróquia São João Bosco. O cuidado dos pobres que buscam a paróquia é sua maior preocupação. Sua presença junto aos Vicentinos e aos Casais Dom Bosco é de grande estímulo aos leigos engajados com os quais dá assistência às favelas Ordem e Progresso, Jardim Ipanema, no Pico do Jaraguá, etc.

Também aqui as crianças da catequese têm lugar em seus desvelos. As crianças gostavam muito dele. Encontramos em seus pertences uma coleta de cartinhas e bilhetes, muitos dos quais enviados por ocasião de uma internação hospitalar, em novembro de 1984. Diziam: *“Estou rezando pelo senhor”, “Deus vai curar o senhor”, “Você é muito bom e carinhoso para nós”, “Eu gosto muito do senhor”, “Eu acho você muito legal, simpático e brincalhão”, “Estamos esperando o senhor de volta para a paróquia”, “Nós da catequese estamos sentindo a sua falta...”*. Estas e outras frases dão sinais de sua presença junto às crianças da catequese.

Em 1986, passa meio ano em Pindamonhangaba, mas sua saúde não se adapta ao local: precisa mudar-se. Retorna, então, para a Lapa, onde permaneceu até o fim. De volta ao Pio XI, entretém-se em várias atividades que se revezam de acordo com as situações: retoma com zelo a assistência aos pobres, cuida das plantas, da portaria, é auxiliar de administração, assistente, chaveiro, e, sobretudo, continua como um grande testemunho de oração...

O Pe. Altieri dá seu testemunho falando da identificação que o senhor José sempre teve com a missão salesiana. Após lembrar o Guarujá e o Bom Retiro, afirma que o ardor pelos jovens mais pobres levou o senhor José a lhe fazer insistentes apelos nos quais pedia autorização para fundar e acompanhar um oratório de final de semana em Santo André, bairro cuja realidade e necessidades ele conhecia, pois ali moravam alguns de seus parentes...

Esse zelo o levou a confidenciar tantas vezes a seus diretores do Pio XI, os padres Vicente Guedes, Geraldo

Lopes, Antonio Carlos Altieri, Gilberto Pierobom e a mim, Antônio Emídio Vilar, como gostaria de fazer mais pela missão salesiana, voltando a assumir tarefas que lhe permitissem concretizar seu ardor apostólico.

Nestes treze anos de estada no Pio XI, nós o vemos sempre preocupado em fazer a vontade de Deus, neste canteiro onde Deus o plantou.

A convivência de idoso leigo com jovens estudantes de teologia não foi fácil para o senhor José, pois são mundos bem diferentes. Sua piedade e virtude, em tudo, porém, se manifestava. Em momentos em que os estudantes o provocam naqueles assuntos de seu maior interesse, como temas religiosos, políticos e econômicos, seu entusiasmo se acendia, e ele se expressava de modo firme e resolutivo.

Seu testemunho de religioso leigo no meio de aspirantes ao sacerdócio foi muito precioso para esta comunidade de formação. De fato, ele foi, para todos nós, um sinal claro e profundo de piedade, de fervor, próprio de um leigo consagrado que vibra com a sua vocação. Quantas vezes nos dizia que se sentia muito feliz assim.

Nestes últimos anos, por causa dos achaques devidos à idade e à saúde, diminui aos poucos o ritmo de suas atividades. Esta é a cruz que mais lhe pesa: não poder mais trabalhar pastoralmente, não poder servir à comunidade como gostaria e nem sentir o gosto da oração como antes... mas não desiste, e insiste, com determinação!

Homem de oração

Se podemos afirmar que a constante de toda a sua vida é, sem dúvida, o espírito de oração, nestes últimos anos, então, a oração se torna a sua ocupação por excelência: de manhã, de tarde, de noite, de madrugada.

Diante dos limites da idade e da saúde, o senhor José sente esta situação em que a oração se apresenta como a ocasião oportuna para viver como salesiano de modo absoluto, com todas as suas conseqüências. Percebe que, assim, pode atualizar o lema que assumiu durante os anos que gastou na educação de seus filhos: *“fazer de sua casa um convento e, do mundo, uma ermida”*. De fato, nessas condições, seu zelo pela oração consolidou-se ainda mais, reafirmando-se como sua marca registrada.

Se alguém o convidasse para assistir televisão, ele chegava a dizer que não tinha tempo. Se tal afirmação provocasse a curiosidade do interlocutor que o interrogava sobre o que o ocupava tanto assim, ele prontamente respondia que tinha que rezar.

Assim, assume como absoluta prioridade cultivar a sua função de rezador, de intercessor, de modo especial pelos seus filhos, noras e netos, pelas vocações religiosas e sacerdotais e pelos jovens pobres e abandonados da missão salesiana, intenções estas diariamente repetidas em suas preces.

A piedade do senhor José era simples e popular e se expressava nos incontáveis terços, nas inúmeras e longas visitas ao Santíssimo, na liturgia das horas, nas orações em comunidade. Ao rezar, comovia-se muito e facilmente chorava. Sofreu muito quando as dificuldades da vista não mais lhe permitiam ler os livros de oração. Jamais, contudo, deixava as suas práticas devocionais, até mesmo quando a oração se tornava muito difícil, ao ser visitado pela aridez, de modo especial na doença.

Hoje, certamente, temos nele um nosso intercessor! Hoje, junto de Deus, ele pode realizar, por todos nós, muito mais do que quando estava entre nós.

Penitente

O Pe. Mário Quilici, entre outros aspectos da vida do irmão José, destaca que ele tem as características de um penitente. De fato, sua frase, repetida tantas vezes, *“Eu pedi a Nosso Senhor para que o meu purgatório fosse aqui na terra mesmo”*, é uma prova: este é um programa de vida. A vida religiosa, para ele, é vida de consagração a Deus para a conversão de si mesmo, dos familiares, dos destinatários e de todo o mundo, além de ser um insistente apelo para que Deus envie santas vocações religiosas e sacerdotais.

Quantas vezes afirmava que Deus é bom Pai e que nós precisamos nos esforçar para sermos bons filhos, pois todos somos pecadores. Ele dizia, sem hesitar, que

era pecador e que rezava sempre ao Senhor para ter piedade dele e de todos os pecadores.

Devoto de Nossa Senhora

Com Maria Santíssima, de quem foi muito devoto, entretinha-se longamente, e, muitas vezes, até às lágrimas. Gostava de rezar os seus rosários em grande número...

No Ceará, teve Nossa Senhora do Carmelo como a titular de sua devoção mariana. Com Ela, ele aprendeu a rezar. Em São Paulo, cultivou a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora que, para ele, tornou-se a protetora e guia dos tempos difíceis e incertos.

Que a Virgem Maria, como Mãe solícita, o receba no Paraíso, e lhe dê o seu Filho Jesus a quem o senhor José tanto amou nesta terra. Assim seja!

Pe. Antônio Emídio Vilar

DA LUZ PARA A LUZ

“Não há nada de secreto que um dia não apareça,
nada de oculto que não deva ser conhecido
e vir à plena LUZ.” (Mt 4,17)

O Senhor da Luz visitou José, José da Luz!

Visitou e tirou de seus ombros cansados a dor e o sofrimento... aliviou seu fardo...

Foi Bom Pastor... Guiou para a Luz, guiou José da Luz para a Luz e fez-se Luz para José,

E José foi luz e José viu a Luz e a Luz acolheu José, o José da Luz.

Ó morte, tu que teimas em separar os amados e tão dura e cruelmente separas também os amigos! Teu poder e teu domínio não mais existem, pois venceu a Luz e para a Luz José voltou, voltou a ser, de forma total e eterna, José da Luz.

Agora nos voltamos a Ti, Senhor, Luz da Luz, Senhor da Luz, e professamos diante de Ti que és o Deus da Vida, mais forte que a dor, mais forte que o sofrimento.

Quando surgiste do sepulcro no fulgor do teu mistério pascal, chamas José da Luz para a luz para a tua Luz que brilha e queima sem jamais apagar...

Sem jamais apagar a nossa esperança na tua luz. Leva então para junto de Ti, Senhor, o tão simplesmente José da Luz para fazer dele contigo a nossa Única e Verdadeira Luz.

Descanse em paz, meu irmão, na Luz...!

LUIZ EDUARDO BARONTO, pela comunidade do Instituto Pio XI.





DADOS PARA O NECROLÓGIO

O irmão José Ferreira Luz nasceu no dia 30 de agosto de 1911, em Pacoti, Ceará, e faleceu em São Paulo, no dia 29 de março de 1996, com 84 anos de idade e 19 anos de profissão religiosa.